Crítica, afetividade e criação de sentidos nos Estudos Organizacionais

ANA PAULA PAES DE PAULA*

Resumo:

O texto, que originalmente foi um exposição realizada no *I Colóquio Internacional de Estudos Organizacionais*, explora a atualidade do pensamento de Maurício Tragtenberg em suas proposições sobre a delinquência acadêmica. O propósito é resgatar a importância da afetividade e da criação de sentidos no trabalho acadêmico, restituindo a intelectualidade dos cientistas sociais em especial no campo dos estudos organizacionais.

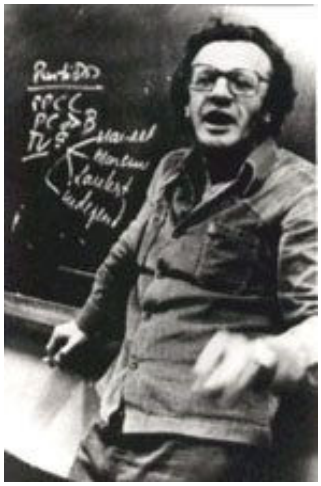
Palavras-Chave: delinquência acadêmica; intelectuais; práxis.

Abstract:

The text, which originally was a exhibition held at the I International Conference on Organizational Studies, explores the relevance of the thought of Maurice Tragtenberg in their propositions about academic delinquency. The purpose is to rescue the importance of affectivity and the creation of meaning in academic work, restoring the intelligentsia of social scientists in particular in the field of organizational studies.

Key words: academic delinquency; intelligentsia; praxis.

* **ANA PAULA PAES DE PAULA** é Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (2003). Atualmente é professora titular e pesquisadora do CEPEAD-UFMG.



O tema deste texto, que originalmente foi uma exposição realizada no *I Colóquio Internacional de Estudos Organizacionais*, que ocorreu na EAESP-FGV em agosto de 2013, surgiu durante minha participação no III *Colóquio de Epistemologia e Sociologia da Administração* em março deste mesmo ano, quando fiz uma intervenção sobre a importância da afetividade para o pesquisador que trabalha com estudos críticos. Isto porque ao meu ver não faz sentido dissociar teoria e práxis: mais do que teorizar sobre a crítica é importante ser crítico. E ser crítico é um estado de espírito, que implica uma conexão com os outros e a possibilidade de criar sentidos, especialmente se consideramos que a crítica é a saída do estado de menoridade, ou seja, é sinônimo de emancipação. Assumir-se como crítico é ter o compromisso de que sua autonomia e liberdade significa respeito em relação à autonomia e liberdade do outro.

Infelizmente é bem mais fácil teorizar sobre a crítica do que ser crítico. Quando levamos em consideração o ambiente acadêmico isto se torna ainda mais desafiante, pois o fato é que ele não parece favorecer este "estado de espírito". Anos se passaram e a delinquência acadêmica continua entre nós.

Em entrevista concedida em 06/08/1978 para *Folha de S. Paulo*, Maurício Tragtenberg afirmou:

> A universidade está em crise e isso ocorre porque a sociedade está em crise. O tema é amplo, abrangendo a relação entre dominação e saber, a relação entre o intelectual e universidade como instituição ligada à dominação, ou seja, a universidade anti-povo. A universidade não é uma instituição neutra, é uma instituição de classe onde as contradições de classe aparecem. Para obscurecer esses fatores ela desenvolve uma ideologia, um saber neutro, cientifico, quer dizer, a neutralidade cultural e o mito de um saber "objetivo" acima das contradições sociais. Isso se acirrou a partir de 1964, quando a Universidade foi praticamente apartada da realidade, se encastelou. Nesse momento surgiu a figura do intelectual burocrata, do funcionário intelectual, que mais reproduz do que produz conhecimento próprio.
>
> Hoje a universidade forma a mão-de-obra destinada a manter nas fábricas o despotismo do capital. Nos institutos de pesquisa cria aqueles que deformam dados econômicos em detrimento dos assalariados. Nas escolas de Direito forma os aplicadores de legislação de exceção. Nas escolas de Medicina aqueles que irão convertê-la numa medicina do capital ou utiliza-la repressivamente contra os deserdados do sistema. Em suma, trata-se de um "complô de belas almas" recheadas de títulos acadêmicos, de doutorismo substituindo o bacharelismo, de uma nova pedantocracia, da produção de um serviço do saber.
>
> [...]
>
> Essa "delinquência acadêmica" aparece em nossa época e está longe de seguir os ditames de Kant: "Ouse conhecer". Se os estudantes quiserem conhecer os espíritos audazes da nossa época, é fora da Universidade que irão encontra-los. A bem da verdade, raramente a audácia caracterizou a profissão acadêmica. É a razão pela qual os filósofos da revolução francesa se

> autodenominavam de intelectuais e não de acadêmicos. Isso ocorria porque na Universidade havia hostilidade ao pensamento critico avançado.

Produtivismo, falta de espaço para o pensamento crítico avançado, impossibilidade de ousar... Características que infelizmente ainda se encontram entre nós. Em seu livro *Variações sobre o prazer*, de 2011 (p. 47-48), Rubem Alves faz algumas considerações a este respeito: "Vivi muito tempo no mundo acadêmico. O mundo acadêmico é um lugar perigoso. Dá medo. Nietzsche muito cedo se sentiu incapaz de respirar seu ar. Sobre o perigo de se viver na universidade ele fez uso de metáforas sinistras: [...]" Então cita Nietzsche em *Assim falou Zaratustra*:

> Eles se assentam frios na sombra fria: em tudo eles desejam ser apenas espectadores. Como aqueles que ficam nas ruas observando os passantes, eles esperam para observar os pensamentos que os outros pensaram. [...] Eles se vigiam uns aos outros com atenção de desconfiança. Férteis em espertezas mesquinhas, eles ficam tocaiados esperando os que andam com pés trôpegos: como aranhas eles esperam.

E acrescentaria: esperam e vasculham em busca de erros de seus pares para afirmar sua pretensa superioridade... Continua Rubem Alves:

> Durante muitos anos, não tive coragem para dizer o que eu sabia. Por medo. As inquisições não são monopólios das igrejas e não se fazem só com lenha e fogo. É muito difícil viver na universidade e continuar a cultivar os próprios pensamentos. É muito mais seguro ficar moendo os pensamentos dos outros. Na universidade é mais seguro falar sobre aquilo que outros falaram. Nietzsche percebia isso acontecendo nas universidades alemãs: [...]

Novamente cita Nietzsche em *Assim falou Zaratustra*:

> Os eruditos de hoje em dia fazem pouco mais que comer livros [...] acabam por perder totalmente a capacidade de pensar por si mesmos [...] Os eruditos gastam todas as suas energias dizendo Sim e Não, na crítica daquilo que outros pensaram – eles mesmos não pensam mais."

Rubem Alves prossegue com um pensamento de Schopenhauer em *Sobre livros e leitura*:

> Esse hábito, me parece, é uma decorrência da falta de coragem para pensar os próprios pensamentos. Somos dominados pelo fetichismo do livro. O que o livro diz tem que ser melhor que aquilo que penso. Schopenhauer advertiu os leitores de que, "quando lemos, outra pessoa pensa por nós: só repetimos o seu processo mental. [...] Daí segue que aquele que lê muito ou quase o dia inteiro, e que nos intervalos se entretém com passatempos triviais, perde, paulatinamente, a capacidade de pensar por conta própria. Esse é o caso de muitos eruditos: leram até ficar estúpidos.

E ressaltaria: leram até ficar estúpidos, porque endeusam teorias e autores e experienciam muito pouco o que de fato é viver autenticamente no mundo relacionando-se com os outros. Rubem Alves ainda afirma:

> O método de justificar o que se diz por referência ao que outra pessoa escreveu em outro livro é característico da literatura teológica da Idade Média: o que o autor diz é verdade porque a mesma coisa foi escrita por outra autoridade, no passado. Em outras palavras: o que

> eu digo está comprovado porque outro já disse. É preciso coragem para dizer o que se pensa. "Mesmo o mais corajoso entre nós só raramente tem coragem para dizer aquilo que realmente conhece", observou Nietzsche.

Ou seja, como ser crítico se é justamente o pensamento autônomo que continua sendo cerceado na academia? São pareceristas incapazes de admitir que o autor pode ter ideias próprias e interrogam: onde estão as fontes? São editores que rejeitam um texto porque as ideias divergem daquelas que os estabelecidos da academia escreveram. São avaliadores que não toleram a inexistência de citações de trabalhos mais recentes quando os autores optam por citar os clássicos. São professores e investigadores que esperam que mestrandos e doutorandos sigam estritamente sua linha de pesquisa. Não há mais interlocução. Simplesmente se checa se o artigo ou tese está de acordo com os padrões pré-estabelecidos. E se não há interlocução, não há mais criação de sentidos...

Haverá alguma saída? Tragtenberg em 1978, na mesma entrevista anteriormente citada, apontou:

> A alternativa é a criação de canais de participação real de professores, estudantes e funcionários no meio universitário que se oponham à esclerose burocrática da instituição. A autogestão pedagógica teria o mérito de devolver à Universidade um sentido de existência, ou seja, um aprendizado baseado numa motivação de participação e não em decorar determinados "clichês" repetidos semestralmente nas provas que nada provam, nos exames que nada examinam, onde o aluno sai da universidade com a sensação de estar mais velho e apenas com um dado a mais: o diploma, que em si perde valor na medida em que perde sua raridade. A saída é a autogestão.

Como devolver um sentido de existência à universidade? Como chegar à autogestão? Como possibilitar que os professores e pesquisadores sejam críticos? Eu não vejo outra maneira a não ser uma mudança profunda nas relações entre as pessoas e um resgate da afetividade. Uma restauração de nossa capacidade de novamente olhar nos olhos para enxergar para além dos padrões. Uma recuperação da interlocução, da percepção da presença do outro.

Em um artigo na *Folha de S. Paulo* em 29/10/2002, intitulado *A arte de produzir a fome*, disse Rubem Alves:

> Adélia Prado me ensina pedagogia. Diz ela: "Não quero faca nem queijo; quero é fome". [...] Toda experiência de aprendizagem se inicia com uma experiência afetiva. ...a fome que põe em funcionamento o aparelho pensador. Fome é afeto. O pensamento nasce do afeto, nasce da fome. Não confundir afeto com beijinhos e carinhos. Afeto, do latim "affetare", quer dizer "ir atrás". ...o movimento da alma na busca do objeto de sua fome. ...o Eros platônico, a fome que faz a alma voar em busca do fruto sonhado.

Provocar a fome do conhecimento é resgatar o afeto. Resgatar o afeto é possibilitar que entre os pesquisadores existam almas voando em busca do fruto sonhado e não meros estrategistas em busca de mais pontos Capes.

Um novo mundo é possível? Em artigo em 22/09/1979 para o *Jornal da Tarde*, intitulado *A contribuição de Freud para o esclarecimento do fenômeno político*, afirmou Tragtenberg:

> Segundo Freud, por natureza, os homens são incapazes de esforço contínuo, de um trabalho regular e

> planejado, porém só ele é fonte de independência e maturidade. Isso é privilégio de algumas minorias, daí não esconder Freud a sua admiração pelas minorias que sabem o que querem. Na sua *Novas Contribuições à Psicanálise*, ele imagina a existência de um pequeno grupo de homens de ação, imbatíveis em suas convicções e impermeáveis à dúvida e ao sofrimento, como condição de regeneração social. No mesmo estilo, em carta a Einstein imagina ele uma espécie de República Platônica, cujos governantes se constituam como comunidade subordinando sua vida instintiva à ditadura da razão.

Neste artigo, Tragtenberg criticava o liberalismo de Freud, pois no seu entendimento esta saída de uma minoria ilustrada se daria pela via individual trazida pela psicanálise. Discordando um pouco de Maurício, eu gostaria de chamar atenção para um outro ponto: o que move esta minoria? Na carta recebida de Einstein, que interrogava *Por que a guerra?*, nos diz Freud (1933/1996, p. 205):

> Nossa teoria mitológica dos instintos facilita-nos encontrar a fórmula para métodos indiretos de combater a guerra. Se o desejo de aderir à guerra é um efeito do instinto destrutivo, a recomendação mais evidente será contrapor-lhe o antagonista, Eros. Tudo o que favorece o estreitamento dos vínculos emocionais entre os homens deve atuar contra a guerra.

Maurício não discutiu as bases afetivas dos grupos e da autogestão, embora a sua maior herança seja justamente a afetividade da qual todos aqueles que o conheceram puderam partilhar. Fernando Prestes Motta, que igualmente é marcado por seu afeto por todos que o cercavam, começou a explorar isto pela via da psicanálise e abriu um caminho interessante para nós. Quero acrescentar que não vejo em Freud uma saída pelo individualismo, como sugere Maurício, mas a consciência de uma dialética ente indivíduo e sociedade. Há nesta dialética a busca de estreitamento de vínculos emocionais, um resgate de Eros. E trazer a afetividade para o campo da produção do conhecimento e do ensino dos estudos organizacionais, ao meu ver é a via que nos levaria de fato aos estudos críticos, criando oportunidade para pensamentos verdadeiramente audazes e transformadores. Resta questionar: será isso ainda é possível na academia?

Referências

ALVES, R. **Variações sobre o prazer**. Santo Agostinho, Nietzsche, Marx e Babette. São Paulo: Planeta, 2011.

ALVES, R. A arte de produzir a fome. **Folha de S. Paulo**, 29 de outubro de 2002. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/sinapse/ult1063u146.shtml> Acesso em: 27/08/2013.

FREUD, S. Por que a Guerra? In: FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.** Vol. XXII. Rio de Janeiro: Imago, 1933/1996. p. 191-208.

TRAGTENBERG, M. A delinquência acadêmica. **Folha de S. Paulo**, 6 de agosto de 1978. Disponível em: <http://almanaque.folha.uol.com.br/entrevista_folhetim_06ago1978.htm> Acesso em: 27/08/2013.

TRAGTENBERG, M. A contribuição de Freud para o esclarecimento do fenômeno político. **Jornal da Tarde**, 22 de setembro de 1979. Disponível em: <http://mauricio-tragtenberg.blogspot.com.br/2009/02/contribuicao-de-freud-para-o.html> Acesso em: 27/08/2013.

Recebido em 2013-08-27
Publicado em 2013-11-11